

Auditório *Diário Popular* 25
9
77
"Salvator Rosa" -
triunfo absoluto
 JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

"Opera is a form which has produced much rubbish and a few works of real art".
 J. Meek, 1936

"Opera consists of singing absurd phrases to an interminable length of rumbling basses, rusty tenors, plum-crammed altos and whistling sopranos".
 A. Creasey, 1936

Como se verifica, a ópera até a consumação dos séculos será uma forma musical controversa. "Salvator Rosa" de Carlos Gomes, em récita de gala no TM (9-IX-77), significou uma noite histórica, porque não se realizava em SP. de 50 anos a esta parte: virtual novidade para nós, com a melancólica e pouco animadora perspectiva de retornar à poeira dos arquivos... até quando?

Em sua estréia (1874) em Genova, no Teatro Carlo Felice, o melodrama gomesiano, sobre libreto de Antonio Ghislanzoni, alcançou espetacular êxito. Salvator Rosa, poeta, pintor, gravador, músico, importante figura histórica do Seiscentos itálico, recebe em seu estúdio a visita de Masaniello, que lhe expõe os planos de uma rebelião contra o domínio espanhol do duque d'Arcos, vice-rei de Nápoles, que impunha tributos pesadíssimos e injustos a uma população de pescadores independentes, ávidos de liberdade. Os napolitanos, empolgados pela fogosa palavra de Masaniello, derrotam os exércitos inimigos e dominam a cidade. Enviado como diplomata para resolver a situação e pacificar os ânimos, Salvator Rosa descobre em Isabella, filha do duque, a mulher ideal. Em contrapartida, Isabella confessa-lhe a paixão que a empolga. Em meio à felicidade dos apaixonados, chega o duque, que, ciente dos fatos, com eles concorda.

A rivalidade amorosa se estabelece quando Fernandes, chefe das tropas espanholas, descobre que ama Isabella em silêncio. Planeja a ruína de Salvator Rosa e Masaniello. Para salvar a vida do amado, Isabella consente de esposar o comandante espanhol. Masaniello enlouquece pela ação de um veneno, acabando assassinado pelos esbirros, enquanto Salvator Rosa verbera a Isabella o suposto procedimento infame. Perante as furiosas invectivas do artista, para provar-lhe sua paixão sincera, Isabella apunhala-se. Horrificado, Salvator foge com seu aprendiz Genariello, enquanto o duque de Arcos, confrontando ao tremendo e

fatal erro, suplica perdão à filha moribunda. (Leo Laner, "Salvator Rosa", Revista Brasileira de Música, Instituto Nacional de Música da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1936, págs. 264-269).

A ópera gomesiana foi submetida a severo escrutínio crítico-musicológico, sempre recebido com reserva, porque a crítica, impossibilitada de sentir o melodrama ao vivo, porquanto, de toda a operática de Carlos Gomes, apenas "Il Guarany" ainda se representa, não tem outro recurso senão a partitura "per canto e pianoforte" ("Klavierauszug" em tudesco), certo e indubitável que a análise de poltrona se revela impotente para certificar do valor ou desvalia. Até mesmo a montagem de ópera em temporada, considerada uma notória infrequência, dificilmente permite concluir juízo axiológico, motivo pelo qual este comentário deverá ser assumido com as reservas ditadas pela irreversível e óbvia prudência.

"Salvator Rosa" foi intensivamente preparada. Após assistir ao ensaio geral, colhemos a impressão dubitativa quanto ao êxito, por motivo dos vários percalços que entravaram e por vezes interromperam o fluxo lírico-dramático. A récita de gala (9.IX) foi bem recebida. Porém, o êxito absoluto ficou reservado à reposição de vespéral, no domingo (11.9), à qual o crítico prafere ater-se. É quase sempre assim. Cantores, coro, orquestra, maestro, tendo em vista os deslises prévios, procuram o caminho seguro do acerto: Assim aconteceu. Foi o triunfo inqualificado do melodrama, mercê do equilíbrio segurança, dignidade, musicalidade reveladas pelo eminente maestro SIMON BLECH, a quem a Empresa Emilio Billoro deferiu o pesado onus da direção musical do melodrama. Blech, que já respondera soberbamente por uma inolvidável "Lakmé", iria enfrentar outro gênero: — a ópera tipicamente romântica, italiana, lírica, dum melodismo exaltado e vibrante. Sua re-

gência difere da maneira como se executa Carlos Gomes habitualmente entre nós. Não faltam os que o acoimem de impessoal, frio, "détaché". esquecidos de que o suposto "détachement" significa tão-somente uma outra maneira de interpretar música. Considerando que o "maestro concertatore e direttore d'orchestra", como já se acenou, é a mola básica do espetáculo, Simon Blech venceu galhardamente a prova árdua e decisiva.

No papel-título, o tenor BENITO MARESCA pareceu-nos excelente da primeira e derradeira nota. Magnífica impressão detivemos do soprano NINA CARRINI, a Isabella, de irrecusáveis predicados vocais. Quanto ao soprano RUTH STAERKE, compôs em travesti (naturalmente!), um Gennariello genial. As suas exposições da cançoneta "Cia picciarella" mereceriam incisões fonográficas, tanto pela maviosa beleza vocal, quanto a intrínseca valia inspiracional de Carlos Gomes. Gennariello está quase sempre presente, contracenando com Salvador Rosa e o coro. Ruth Staerke, além de ostentar voz de primeira estirpe, sabe o que fazer com () como o fez!

Baixo EDILSON COSTA encarnou o duque d'Arcos muito embora por vezes sua emissão acusasse insegurança de ataque e sustentação da linha vocal. Barítono PAULO FORTES foi um bom Casniello, junto com AGUINALDO ALBERT, AYRTON NOBRE, WILSON CARRARA, BORIS FARINA, LEILA TAYER.

O Coral Municipal, inseguro nos primeiros ensaios, foi adentrando o espírito do melodrama, sendo que seu melhor momento deu-se na ensolarada tarde dominical. O maestro Orestes Sinatra recebeu vasta ovação da "capacity house".

Gianni Ratto respondeu pelos cenários e a direção cênica. Artista vinculado ao teatro de prosa, não se perdeu felizmente em preposturas, inaceitáveis extravagâncias modernas mas não deixou de preocupar-se com efeitos novos e discutíveis, como no I ato fazer Salvator Rosa pintar um quadro a partir do avesso. Nesse assunto sempre procuramos aventurar "cum grano salis"... Duas coisas, entretanto, haveremos de repetir: impediu que os cantores viessem à ribalta agradecer os aplausos nos finais dos atos, isso na récita de gala, proibição levantada na segunda récita; e apareceu junto com o "spartito" em mangas de camisa, enquanto os cantores ostentavam trajes de suntuosidade barroca...

A montagem foi soberba-

mente luxuosa em termos de guarda-roupa do melhor bom-gosto, sem temer despesas, por mais vultosas que fôssem. É um ponto importante de assinalação crítica.

Carlos Gomes compôs ópera de belíssimo efeito, que se encontrava à espera de reposição condigna. Foi retumbante e merecido êxito, principalmente a récita-vesperal, que premiou a todos os participantes com ovações intermináveis e maciças. Perante tamanho êxito, já não há mais falar numa suposta desqualificação operática de Carlos Gomes. Nem apologias ou análises vêm ao caso. O público sentiu a genuína base inspiracional do campeiro, e soube render-lhe justiça. Assim é sempre melhor. "Salvator Rosa" precisa virar ópera de repertório, emergir do limbo do olvido, destruindo o complexo de inferioridade, ainda pre-fixado em certos setores supostamente críticos...

CANTO

A Temporada 77 enriqueceu-se notavelmente com a récita de Gerson Herskowitz, acompanhado ao piano por Selma Asprino. Engenheiro, professor da Universidade de São Paulo (Escola Politécnica — Cadeira de física do Curso Universitário — Vestibulares), estuda com Magdalena Lébeis. Seu registro vocal pareceu-nos o de um barítono leve, tendendo à classe de tenor lírico. O que se torna maravilhoso e único em Herskowitz em primeiro lugar é a musicalidade, que flui espontânea, sincera. Não lhe sentimos o cantar com algo de artificioso, rebuscadamente "construído" de fora para dentro, porém, muito ao contrário, a exteriorização expressiva dum inato dote. Ele canta porque é artista, orientado por uma cantora que foi das mais insignes que o Brasil já teve. Mas o que parece-nos primacial, a disciplina do rigor técnico jamais lhe preclui o senso de estilo. Claro está que sentimo-lo ainda um pouco inibido,

coisa que desaparecerá com a mais assídua frequentação da ribalta. Nos autores franceses destacou-se pela inteligível e inteligente pronúncia, apenas pedindo reparo no "e" mudo, p. ex. nas palavras "vie", emitido como "viá" ("a" fechado), ou, em italiano, o "rr" forte e carregado ("risplenderrà", em vez do brando "risplenderà", "estinguerrà", idem; talvez resquício germânico... que os tudescos costumam trocar o "u" pelo "v": "Qvesta", em vez de "questa"); e assim por diante. Mas isso é de somenos. Herskowitz foi magnífico da primeira à última nota. Em peças extra-programa, fez nobremente ressoar a voz de sua raça, em canções he-

braicas. Cantou o "Plaisir d'amour" de Martini; "Danza, danza" de Durante, expoente dos maiores do barroco itálico, numa página até agora inédita; uma ária de Lully; o soberbo "Si, tra i ceppi" de Handel; Fauré, Duparc, Brahms. Entretanto, "Die beiden Grenadiere" de Schumann alcançou tão superlativo nível interpretativo, que sentimos no dever de alçapremá-lo como algo absolutamente único, enquanto experiência de arte. Esse "Lied"-balada, ouvimo-lo vezes sem conta, em disco ou fora dele, mas nunca repassado de tanta beleza, verdade, sinceridade, calor humano. Herskowitz elidiu-lhe o caráter militarístico no ponto em que irrompe o tema da "Marselheza": — "So will ich liegen und horchen still" — "Qual uma sentinela, no túmulo estarei em silêncio até o dia em que ouvir o rugido do canhão e o resfolegante trote dos corcéis". Uma irrepreensível, claríssima pronúncia germânica envolveu o poema de Heine na música de Schumann, numa verdadeira transfiguração de arte. Sim, algo realmente inolvidável. Mas o festim prosseguiu nos brasileiros: Mignone, Guarnieri, Vasconcellos Corrêa, Vieira Brandão, compositor que mereceria estudo em profundidade em termos de hierarquia artística, julgando-se por sua sonata para violoncelo e piano e o "Prequeté", que Herskowitz revelou-nos como estória-balada, isenta de chavões folclorizantes. A colaboração de Selma Asprino foi aquela maravilha de sempre; Paulo ganhou um novo excepcional cantor, cuja carreira deve ser incentivada a todo custo. Façamos Gerson Herskowitz participe de todas as promoções de arte, que delas precisa... nós mais ainda!...

CICLO BEETHOVEN

A "Generalprobe" de 3.9 na Cultura Artística restaurou-nos o notável maestro germanico VOLKER WANGENHEIM. Excelente concerto, primeiro porque a parolagem cômica preambular desta feita foi mínima; segundo, a valia do "guest conductor", bem conhecida desde as Sinfonias 4.a de Schumann, 1.a de Brahms, 9.a de Beethoven, "Rienzi", de Wagner, com espetacular sucesso. A primeira peça foi a Abertura em Mi Maior para "Fidelio", que o panfleto desnecessariamente desdobra numa sequência de andamentos, tal qual uma sinfonia, sonata ou concerto. A seguir, YARA BERNETTE executou o Concerto n.º 4, em sol maior, op. 58, com o êxito que dela todos esperavam, não obstante uns pequenos desajustes agógicos. Por fim, a 4.a Sinfonia ostentou o inédito mérito de repetir a exposição do primeiro "Allegro"; o poético movimento central, conduzido a caráter, tudo, entretanto, contrabalançado por um epílogo que não foi, como pede a partitura, "Allegro ma non troppo", mas "Vivace". Com trezentos milheiros de demônios, por que os regentes não se resolvem à ob-

servancia estrita das indicativas textuais?!

"Tercio", não "Tercis"

Uma dessas manhãs descobri numa das estantes de Bruno Blois Discos a chapa original Columbia norte-americana 33 130, "Bidu Sayão — French Arias and Songs", uma das mais esplêndidas reedições de que há memória nos anais fonográficos, constituindo-se incomparável tributo de amor e gratidão à grande soprano brasileira, radicada em Nova Iorque, deslembada, ignota em sua pátria.

Lá no casulo das novidades, outra surpresa aguardava-me: o disco "Philips" 6598 308, intitulado "Artis Canticum", de música brasileira. Ora, tudo quanto envolve o Brasil em termos de Arte musical interessa-me sempre ao mais alto ponto, principalmente porque a primeira obra pertence a José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, porventura o mais talentoso compositor das Alterosas no séc. XVIII. Ademais, a incisão fonográfica realizou-se com a colaboração do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro, integrando o Plano de Ação Cultural da Associação dos Produtores de Discos. Assim o declara a contracapa.

Entretanto, que amargosa, tremenda decepção aguardava o crítico! "Ah initio", ninguém jamais ouviu falar de "Artis Canticum", nem de seu regente, Nelson de

Macedo. Que diabo de apto ambos tocam? Quanto tempo de vida e de trabalho ostenta essa formação coral? Que participações se registraram, que láureas levantaram, enfim, onde está o "curriculum vitae"? Omite-se Eurico Nogueira França em sua contracapa, por sinal um semi-desastre, conforme provarei, tanto mais estranho por ser da lavra de um dos mais respeitáveis e renomados críticos ("Correio da Manhã"), membro da Academia Brasileira de Música, ostentando bibliografia alentada.

O conceito pejorativo de músico amador diz respeito, em primeiro lugar, à inexperiência, à carência de base técnica, das quais resultam por força execuções canhestas, embaraçosamente desafinadas, como as do "Artis Canticum". Que tais execuções se cumpram numa igreja suburbana, perante auditório iletrado, ainda se admite. Mas uma empresa fonográfica da categoria da "Philips" esposar absurdo desse tomo, é imperdoável; como também o sr. Nogueira França em sua contracapa, a derramar-se de prepósteros elogios ("admirável coral"; "a execução é igualmente de primeira ordem"; "excelente primeira audição universal"; "primoroso intérprete da obra"), esquecido de que contracapa é mera apresentação do disco, sendo defeso ao escriba subrogar-se num juízo de valor somente cabível ao crítico e ao ouvinte.

Na face A deparamo-nos com o "Tercio", de Lobo de Mesquita. "Tercio" e não "Tercis", porque a composição compreende três peças-

motetes: "Diffusa est gratia", "Padre Nosso e Ave Maria"; "Gloria Patri", para os ofícios da 3.a feira da Semana Santa. Daí o nome. Dom Oscar de Oliveira, arcebispo de Mariana, descobriu a ária "Ave Regina Coelorum" e o "Tercio" (Geraldo Dutra de Moraes, "Música Barroca Mineira", São Paulo, 1975, pág. 50). O manuscrito da folha de rosto desacolhe quaisquer dúvidas, menos para Olivier Toni: "Não foi possível encontrarmos explicações convincentes, com relação ao título da obra, no alto da primeira parte da partitura ("4 Encontros com a Música Brasileira", S. Paulo, 1975, pág. 26).

Entretanto, o que realmente importa é a péssima, deplorável qualidade executória. Muito embora pouco habituado a gravar durante concertos públicos, pelas maçadas, conseiras, distraimento, inerentes ao gesto fono-mecânico, excepcionei o processo, para meu uso particular, no Teatro S. Pedro, 8 de novembro de 1974, quando "Tercio" foi executado possivelmente em primeira audição no séc. XX, pelo soprano Victoria Kerbauy, meio-soprano Lenice Priolli, baixo Zuinglio Faustini; Conjunto Coral de Camara; "Communicantus" e Orquestra Sinfônica Estadual, sob a regência de Olivier Toni. O mini-cassete demonstra, sem sombra de dúvida, o abismo que medeia a miserável leitura carioca e o bom nível

da execução paulista, principalmente o trio solístico. Ademais, o maestro Nelson de Macedo indulge suas cordas nuns "sforzandi" ao mesmo tempo inócuos e pretensiosos. Melhor sorte não teve a breve página do padre-maestro José Mauricio Nunes Garcia — "Alleluia — Emitte Spiritum Tuum", para coro "a cappella", não identificada segundo o catálogo temático-sistemático de Cléofe Person de Mattos.

Na face B as coisas melhoram, à vista da "Bachianas Brasileiras" n.º 9, pela versão de orquestra de vozes, ofertada em primeira absoluta (1975) pelo "Artis Canticum". Aqui sim, encontramos gabarito executório, muito embora dentro da impressão — mui comum em se tratando de Villa-Lobos — de encontrar-se em sérias dificuldades como parar no deslissamento polifônico da Fuga...

"Dois Contornos Sonoros" para vozes mistas e rádio de pilha (!), de Aylton Escobar, fecha com chave moderna esse disco mui estranho.

A contragosto lavrei os parágrafos supra, com utilização — fora de meu hábito — da primeira pessoa do singular. Há certas coisas que a gente positivamente não pode suportar nem aceitar. A pesquisa, encontro, realização da antiga música mineira, graças ao trabalho pioneiro de Francisco Curt Lange, teve continuadores de tomo. Urge, porém, que se policiem as execuções gravadas em disco. Senão, iremos todos à vela...